



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

DILÚVIO TSUNÂMICO

Marcos Roberto Inhauser

A humanidade foi sacudida pelos trágicos eventos ocorridos no leste asiático, quando ondas gigantescas inundaram várias nações fazendo vítimas que, pelo número de pessoas ainda desaparecidas, pela incapacidade de se contabilizar com precisão todos os já encontrados, e pela necessidade de se sepultar os corpos na maior brevidade possível dado o estado de decomposição deles, pode chegar aos 200.000 mortos.

A história de inundações faz parte da vida desde que o ser humano se conhece como tal. Se há uma história que é comum a quase todos os povos, independentemente de onde habitavam, é a de um dilúvio. Ela está presente nos povos asiáticos, entre os índios americanos e australianos, e mesmo entre os tupis brasileiros ou os aymaras bolivianos. Uma das explicações que os indígenas dão para a existência do lago de Titicaca, o mais alto do mundo, é uma inundação que alcançou tal altitude, deixando o lago como recordação do fato. Quem vai a Jaú, logo depois de Itirapina, há um vale com alta concentração salina que alguns explicam como tendo sido um braço do mar na antiguidade. O mesmo ouvi na região de Concepción, Paraguai, para a existência de haver água e solo salgados na área.

A Bíblia tem sua história do dilúvio. Estudos recentes mostram a dependência da narrativa bíblica da Epopéia de Gilgamés, de origem babilônica, onde também um barco foi construído para salvamento do personagem. Estudiosos têm mostrado que a região mesopotâmica, especialmente no delta dos rios Tigre e Eufrates, era área com frequentes alagamentos, decorrentes do degelo nas cabeceiras de ambos os rios, o que provocava constantes inundações. A história do dilúvio bíblico seria a narrativa de uma destas, que se notabilizou por ser de proporções maiores que as frequentes. Por outro lado, parece que a narrativa bíblica também ensina que o ser humano deve estar sempre alerta para construir seu barco que o livrará das inundações que certamente sobrevirão.

Assim, a história seria a forma de ensinar a estar preparado para quem vive em áreas alagadiças, como, por exemplo, às margens de rios ou riachos constantemente inundados. Cada qual deve ter seu "barco", seu sistema de defesa para a inundação.

Mas parece que isto não foi tomado a sério pelos governos e habitantes das áreas afetadas. No que pese as quase duas horas transcorridas entre o sismo, imediatamente detectado pelos sismógrafos ao redor do mundo, e as primeiras praias alcançadas pela tsunami, nada foi feito. Nem mesmo na costa africana, onde ela chegou mais de cinco horas depois. Não havia nenhum Noé com sua arca pronta para se salvar. Todos foram pegos de surpresa. E a catástrofe teve ação geograficamente delimitada, mas danos universais, em função dos estrangeiros que lá estavam.

Se é verdade que a história do Noé bíblico coloca como causa para a tragédia a imoralidade reinante, qual a causa que poderíamos atribuir para este dilúvio tsunâmico? Que não me venham com a mesma causa, porque se assim fosse, o dilúvio teria que ser universal. E muito menos me venha algum apocalipsista, interpretador barato do Apocalipse, afirmar que a causa foi o castigo de Deus por ser a região predominantemente não-cristã. Uma resposta mais séria deve buscada.